

Zin do Reino da Luz



TULIO FERNEDA

Zin do Reino da Luz

Tulio Ferneda

Ferneda, Tulio

Zin do Reino da Luz / Tulio Ferneda.
Bragança Paulista: edição do autor, 2023.

ISBN: 978-65-00-60623-2

1. Literatura infantojuvenil. 2 Aventura. 3 Fantasia.

I. Título

CDD-028-5

Bibliotecária responsável: Samanta do Prado CRB/8 SP-010477/O

Sumário

O Mágico Reino de Etéria.....	4
O Cristal da Passagem.....	12
O Guardião Kipo.....	25
O Submerso Reino do Coral.....	37
O Palácio dos Domadores de Fogo.....	69
As Ruínas dos Antigos Druidas.....	96
O Templo do Sol e da Lua.....	120
A Magia das Pequenas Coisas.....	141
O Berço das Estrelas.....	160

O Mágico Reino de Etéria

O famoso Reino de Etéria — muito conhecido no mundo da magia — é um lugar realmente encantador. Todo o reino é formado por um arquipélago de ilhas flutuantes no céu, e em cada ilha há uma porção da cidade, com casas, torres e castelos feitos de pedra da lua. Há belos jardins e pomares, cultivados nas ilhas menores, e um grande mercado no pátio que fica bem no centro, com seu piso de ladrilhos.

Pontes de pedras flutuantes, fabricadas pelas Fadas do Reino do Ar, fazem a ligação de uma ilha à outra. Quem passa por elas tem a sensação de estar caminhando entre as nuvens. Para subir aos níveis mais altos da cidade, os moradores usam plataformas que os magos fazem levitar.

No mercado, encontra-se de tudo: frutas, pães e doces saborosos, túnicas bordadas com a seda do

Reino do Sol Nascente, tapetes do Reino das Dunas, chapéus mágicos e até poções. Quem gosta de magia (e boa comida) não perde o passeio.

Ao redor do mercado há dezenas, talvez centenas de pequenas ilhas, que flutuam uma perto da outra, como um aglomerado, todas com casas coloridas e jardins — pois todo morador de Etéria tem um jardim florido em casa. E além dessas casas, as grandes ilhas com as torres dos magos completam o cenário. Ao fundo, na área norte da cidade, o castelo do reino ergue-se imponente, e além do castelo, ilhas de campos de trigo flutuam mais espaçadas, entre as massas brancas das nuvens, cobertas pelo magnífico céu azul.

É difícil saber ao certo como Etéria foi criada. Alguns dizem que os magos guardam esse segredo a sete chaves. Muitas lendas são contadas e recontadas, pelos antigos trovadores que viajavam entre os reinos da magia. Minha favorita é a versão das lágrimas da deusa da terra.

A lenda é mais ou menos assim: a jovem Gaia, deusa da terra, da flora e da fauna, com seus lindos cabelos de folhas, criou um pequeno planeta com grandes continentes e oceanos na superfície. Dessa mistura de água e terra nasceu a vida. A deusa, quando viu sua criação, ficou tão emocionada que chorou lágrimas de alegria.

Só que as lágrimas de uma deusa têm magia. Quando a jovem Gaia chorou, suas lágrimas não caíram na terra, mas ficaram suspensas, flutuando em algum lugar do universo, recebendo a luz das estrelas e toda forma de encanto existente na galáxia. Cada gota cresceu e se tornou uma pequena ilha flutuante. Logo depois, o arquipélago se formou e a natureza encontrou uma forma de fazer as nuvens, o ar e o céu azul de que precisava. O mágico reino de Etéria estava formado.

Quando um lugar assim existe, com tanta magia, não demora muito para que os magos o descubram e resolvam se mudar para lá. E com eles vêm todas as pessoas sensíveis à magia do mundo:

confeiteiros, padeiros, artistas, limpadores de rua, artesãos e todo tipo de gente extraordinária.

E criaturas. Etéria é repleta de animais incríveis: peixes alados que voam ao redor do reino, saltando acima das nuvens e voltando para elas, como se estivessem mergulhando naquele mar celeste; borboletas translúcidas, com asas que parecem vitrais de anjos, cada uma do tamanho de uma árvore; gatos invisíveis (eles só podem ser vistos em raras ocasiões) e até uma baleia celestial, que passa ali perto uma vez ao ano.

E é claro, já que o assunto é encanto, não podemos deixar de falar das crianças. Todas as crianças de Etéria querem aprender a usar magia, menos uma: o pequeno Zin, que mora com sua mãe numa casa com vista para o pôr do sol, não gosta muito da ideia de ser um mago:

— Os magos devem ser muito sábios e passam a vida estudando. E eu não gosto de estudar! — Ele dizia, sempre que alguém perguntava.

De certo modo, Zin tinha razão. Embora os magos fizessem coisas divertidas — como congelar a água no ar e iluminar uma caverna com a pura magia das suas mãos — eles passavam de fato muito tempo nas torres do reino, mergulhados nos livros, estudando sabe-se lá o quê.

O pequeno Zin tinha oito anos, uma linda pele negra e cabelos pretos cacheados. Era um menino esperto, muito criativo e agitado: gostava de passar as manhãs no jardim da ilha onde morava, enquanto sua jovem mãe, Zara, preparava um delicioso café da manhã. Às vezes, ele ia mais longe: saltava pelas pedras para as ilhas vizinhas, para brincar com algum amigo ou fazer arte.

Zara ficava com o filho de manhã. À tarde, ele ia para a escola enquanto ela trabalhava na confeitaria, perto do grande mercado. “Como é bom ter uma mãe confeitadeira, que faz bolos e doces maravilhosos!” — pensava Zin. Todo dia, na hora do recreio, ele fugia da escola e atravessava o pátio do mercado, para comer um doce na charmosa

confeitaria Maçã do Amor. Seu favorito era um bolinho de maçã com canela que sua mãe fazia.

No fim do dia, mãe e filho voltavam para casa. Às vezes, passavam no bazar para que Zin pudesse escolher um brinquedo. Em Etéria não havia lojas de brinquedos. Ao invés disso, os artesãos fabricavam piões, pipas, castelinhos de madeira e dragões de seda — e tudo isso ficava disponível no bazar da cidade. Cada criança podia pegar um brinquedo por vez, levar para casa por um tempo e depois devolver. Zin sempre escolhia algo que pudesse usar do lado de fora, no jardim.

— Hoje eu quero levar a pipa. — Ele disse.

— Ótima escolha! — Disse Zara, sorrindo para o filho. Ela adorava soltar pipa com ele, quando tinha tempo.

E assim eles foram para casa, depois de mais um dia de trabalho. Enquanto Zara carregava uma cesta com as sobras da confeitaria, Zin corria à sua frente, à luz do pôr do sol, com a pipa já planando no ar. Apesar de viverem numa ilha que flutuava no

céu, as crianças pareciam sempre querer voar mais alto: se já tinham as nuvens, elas queriam alcançar as estrelas.

Naquele dia, quando chegaram à porta de casa, havia ali uma carta com papel dourado, o que significava que era uma carta oficial do reino. Zara abriu o documento com cuidado e, após uma rápida leitura, disse ao filho com alegria:

— Filho, sabe o que é isso? Seu convite para o castelo finalmente chegou. Vai ser amanhã!

— Amanhã vou saber o meu talento? — Perguntou Zin.

— Sim. Amanhã cedo vamos ao castelo e você vai poder consultar o cristal.

Em Etéria havia uma tradição: quando uma criança estava perto de completar nove anos, o grande Cristal da Passagem revelava seu talento nato. O cristal nunca errava e geralmente indicava a profissão que cada um deveria seguir, para ter uma vida plena e feliz. Era um momento da mais alta importância na vida de um eteriano.

Zin ficou pensativo por um tempo. Com hesitação, ele disse:

— E se eu não gostar do que o cristal escolher pra mim?

— Ninguém é obrigado a seguir a escolha do cristal. É mais uma orientação. Mas você pode gostar e muito, filho. Quando foi minha vez, eu nunca tinha feito doces nem cozinhava, acabei descobrindo na confeitaria umas das coisas que eu mais gosto de fazer. — Explicou Zara.

Aquelas palavras acalmaram Zin. O garoto não gostava nem um pouco da ideia de alguém escolher seu futuro por ele. Mas se era assim como sua mãe dizia — só uma orientação — então ele estava disposto a dar uma chance.

O Cristal da Passagem

Na manhã seguinte, Zin e sua mãe acordaram bem cedo. Eles quase não conseguiram dormir de ansiedade. O menino abriu a janela do quarto, como sempre fazia, respirou o ar fresco e viu as nuvens envolvendo a colina em sua lenta passagem pelo céu. Um peixe alado azul passou por ali, o que era sinal de boa sorte.

Eles tomaram o café da manhã na varanda, com vista para o jardim: chá adoçado com mel e o famoso bolinho de maçã com canela. Zara olhava para o filho com ternura, sabendo que naquele dia suas vidas mudariam.

— Está com medo, filho? Do que o cristal vai dizer?

Zin apenas respondeu que não com um gesto de cabeça, enquanto tomava o último gole do chá.

— Assim é que se fala! — Disse a mãe, com alegria.

Então eles desceram a pequena colina. Passaram pelo jardim, sentindo o doce aroma das flores, e saíram da pequena ilha atravessando a ponte de pedras. Na verdade, passaram por muitas das ilhas vizinhas, usando seus jardins e pontes como caminho, cumprimentando os vizinhos com um sorriso.

— Bom dia, dona Adélia! — Disse Zara, a uma de suas melhores amigas.

— Bom dia, Zara! Bom dia Zin!

— Boa sorte pra mim! — Completou o menino, fazendo todos rirem da frase que rimava.

Quando finalmente chegaram à plataforma elevadora, perto de uma das torres dos magos, Zin correu e saltou apressado. Zara subiu logo atrás dele. Um velho mago que estava ali, com túnica roxa e uma longa barba branca, se apresentou e passou as instruções de segurança:

— Bom dia, bom dia! Mago Celestino, ao seu dispor. Cuidado ao usar as plataformas mágicas. Será uma subida longa e lenta, para sua segurança. É proibido correr, pular, soltar pipa, usar poções ou qualquer forma de magia durante a subida.

— Bom dia, senhor. — Disse Zara, com simpatia.

— Sim senhor, entendido senhor. — Disse Zin, fazendo uma reverência para o mago, em sinal de agradecimento.

— Muito bem, aqui vamos nós!

O mago fez um gesto com as mãos, como se estivesse puxando alguma coisa no ar para cima, e a plataforma começou a subir. Lentamente eles ganhavam altitude, ao lado da torre, e a cidade ficava pequenina lá em baixo.

Zin adorou aquela experiência. Podia ver todos os detalhes do reino e ficou brincando de encontrar seus lugares conhecidos:

— Olha, mãe! É a nossa casa bem ali! E aquele é o mercado, ali fica a escola e a confeitaria... Poxa, nunca vi como essa cidade era grande!

Zara sorriu ao ver como Zin estava contente. Era muito bom vê-lo tão empolgado.

— E bem ali, filho, é o bazar dos brinquedos, e ali do outro lado é minha loja de roupas favorita, perto daquela casa amarela. — Ela completou, entrando na brincadeira.

Eles subiram mais ainda, até que um cardume de peixes alados passou bem pertinho. Zin conseguiu passar a mão na barriga de um dos peixes, que voou bem acima da plataforma.

Finalmente chegaram. O mago Celestino fez a plataforma parar, encaixando certinho na varanda da torre, que dava para uma porta. Era a primeira vez que Zin entrava na torre de um mago e o lugar era fascinante. Do lado de dentro, puderam ver muitos livros antigos. Apesar de não gostar de ler, o menino achou aqueles livros muito bonitos, com capas coloridas e misteriosas.

— Venham, por aqui. — Disse Celestino. — Fui designado para acompanhar vocês até o castelo. Seria uma honra mostrar cada canto da minha torre, meu jardim mágico, que fica num terraço secreto... Sim, é uma beleza! Mas estamos sem tempo hoje. Vou levá-los direto ao cristal. Mas saibam que, quando quiserem conhecer minha morada, serão muito bem-vindos. — Ele explicou, com muita cortesia.

— Eu adoraria! — Disse Zin.

Eles desceram por uma escada dentro da torre, até que chegaram a uma porta nos fundos. Do lado de fora, uma ponte de madeira conduzia à ilha principal do reino: era a maior das ilhas flutuantes, a mais elevada e onde ficava o castelo. Um lindo campo de relva, com dentes-de-leão, se estendia até a entrada do palácio.

Eles notaram que a torre do Celestino era apenas uma das várias torres que cercavam a grande ilha, fazendo a ligação com diferentes pontos

da cidade lá em baixo. Em cada uma delas morava um mago diferente.

O garoto correu à frente, como sempre, e foi brincar com os dentes-de-leão, soprando-os para todos os lados, trazendo agitação para o campo que estava calmo demais para o seu gosto.

Em frente ao castelo, cercado por árvores de cerejeira, lá estava o Cristal da Passagem. Bem ao lado, um mago de túnica dourada esperava por eles. Quando se aproximaram, ele falou:

— Bom dia, meu caro Celestino! Vejo que trouxe nossos convidados.

— Bom dia, majestade. Sim, senhor, este é o pequeno Zin. E esta é sua mãe, Zara.

Zara fez uma referência e o filho logo copiou o gesto. O rei mago também se inclinou em sinal de respeito e se apresentou:

— Sejam bem-vindos. Sou Melchior, mago supremo e rei de Etéria. Mas não precisa dessa pompa toda! Podem me chamar de Melc apenas, pois não sou nada além de um velho de túnica.

As palavras do rei eram acolhedoras, mas Zara estava surpresa. Afinal, até onde ela sabia, o rito de passagem com o cristal era algo comum, feito com várias crianças no mesmo dia, geralmente com um dos magos das torres e sem a presença do rei. Por que será que naquele dia a única criança ali era seu filho? E por que o rei fez questão de aparecer? Certamente havia uma explicação para tudo aquilo. Mas ela preferiu não perguntar, para não deixar Zin mais ansioso.

O rei logo se adiantou e acabou com o mistério:

— Bom, há um motivo para eu estar aqui hoje, Zin. Nós magos sabemos falar com as estrelas, ler as constelações no céu. Elas nos revelam coisas magníficas. E uma revelação foi feita sobre você.

— Sobre mim? — Perguntou o menino, sem entender direito do que o rei estava falando.

— Sim, meu jovem. O universo me contou que o Cristal da Passagem vai revelar algo muito importante sobre você. Ainda não sabemos o que é,

mas você é um menino especial. As constelações não mentem: seu destino está ligado ao futuro do nosso reino.

Zin ficou em silêncio, sem saber o que dizer. Sua mãe ficou apenas mais curiosa com a fala do rei. Os dois magos perceberam a aflição deles e logo tentaram acalmá-los:

— Mas não se preocupe. Seja o que for, estou aqui para ajudar. — Garantiu o rei.

— Eu também. Pode contar comigo, garoto, para o que precisar. — Prometeu Celestino.

— Está vendo, filho? Dois dos melhores magos do reino estão aqui por você. Isso é uma coisa boa. Agora, coragem. Toque no cristal e vamos ver o que ele tem a dizer. — Disse Zara.

Zin respirou fundo, deu dois passos à frente e colocou suas mãos sobre o grande cristal. O artefato começou a brilhar e todos fecharam os olhos por um momento. Depois de um tempo, ouviu-se uma voz:

— Podem abrir os olhos, filhos de Gaia. Quem vos fala é o Espírito da Magia, que mora neste cristal.

E então, Zin abriu os olhos e percebeu que o cristal estava agora meio translúcido, como um vitral, exibindo em seu interior imagens de lugares que ele não conhecia: um coral nas profundezas do oceano; um oásis nas areias de um deserto; as ruínas de uma antiga civilização na floresta; e um templo suspenso no ar, entre montanhas e cachoeiras. Enquanto mostrava essas imagens, como sonhos vivos, a voz no cristal continuou a falar:

— A criança perante mim tem muita magia dentro dela, uma magia peculiar: certamente é única em seu reino. É seu destino conhecer os reinos elementais, para então, ao longo da jornada, perceber a amplitude e o valor do que tem dentro de si. Deve partir o quanto antes, pois quando adulto será não apenas um mago, mas o mago supremo de Etéria.

E assim o cristal se apagou. Zin ficou um tanto confuso, pois não sabia se havia entendido bem. Zara ficou perplexa, pois tinha compreendido finalmente qual era o futuro de seu filho. Até Celestino ficou surpreso, mas Melchior demonstrava toda a tranquilidade do mundo.

— O que isso quer dizer? — Perguntou Zin ao rei.

— Quer dizer, meu jovem, que você se tornará um mago, um dos bons na verdade, e um dia vai assumir meu lugar e se tornar nosso novo rei. Ora, por essa eu não esperava! Mas é algo magnífico, realmente, isso me agrada muito, meu jovem, me agrada muito! Afinal, este velho aqui precisa descansar. — Disse o rei, pensativo com a mão no queixo e um sorriso de uma orelha à outra.

— Eu sabia que esse cristal era uma roubada! Não vou ser mago coisa nenhuma! — Disse Zin, num ímpeto de raiva, e saiu correndo para longe do cristal.

Os dois magos ficaram surpresos com a reação do menino. Afinal, pela experiência deles, qualquer criança do reino estaria pulando de alegria nesse momento.

— Nunca vi uma criança rejeitar assim a magia... — Observou Celestino.

— E isso só confirma o que o cristal falou: ele é único no reino. — Ponderou Melchior.

— Não é exatamente da magia que ele não gosta. O Zin é um menino muito sonhador, sabe? — Disse Zara, enquanto observava o filho sentado no campo de dentes-de-leão, cabisbaixo e com os braços cruzados.

— Sonhador é uma qualidade essencial para um mago. Qual o problema então? — Perguntou Celestino.

— Ele não gosta de estudar, nem um pouquinho. Vai pra escola na marra e dá uma escapada sempre que tem uma chance. Pra ser sincera, acho que ele tem dificuldade e medo de não conseguir. — Explicou a mãe.

— E ele acha que os magos só estudam, trancados em suas torres... — Concluiu o rei.

— Bom, vamos ter que mostrar ao garoto que ele está muito enganado. Se me permitem, vou levá-lo por um passeio à minha torre, acredito que sei como convencê-lo do contrário. — Sugeriu Celestino.

— É uma ótima ideia, meu velho amigo. — Disse o rei.

— Senhores, como mãe eu gostaria de saber... O meu filho tem escolha? Ou esse destino é inevitável?

— Destino é o resultado das nossas escolhas. — Disse Melchior. — Zin é livre para seguir o caminho que quiser. Mas se me permite opinar, vejo muito potencial nele. Vamos mostrar ao menino do que realmente se trata o mundo da magia. Depois, se ele não quiser, não precisa se tornar um mago. E este velho aqui vai acabar sendo rei por muito mais tempo...

— Acho que alguém está querendo se aposentar. — Comentou Celestino, com um sorriso provocativo para o rei.

— Ora, ora! Não seria nada mal passar o resto da vida pescando douradorinhas! — Admitiu o rei. Douradorinha era uma espécie de peixe alado, mistura de dourado com andorinha. — Mas o que realmente importa, o que me deixa feliz, é a ideia de passar o trono para alguém tão nobre quanto Zin: alguém que reconhece os próprios limites e não tem nenhuma ganância por poder.

— Sábias palavras, meu rei. Sendo assim, vou fazer o meu melhor para mostrar o ofício dos magos ao menino. — Disse Celestino, se despedindo do grupo com uma reverência.

— Enquanto isso, dona Zara, vamos tomar um chá? — Convidou o rei.

— Um chá seria ótimo. — Ela aceitou, torcendo para que o filho se acalmasse e, quem sabe, ficasse mais aberto às possibilidades que a vida apresentava.

O Guardião Kipo

Celestino tinha um plano em mente. Um passeio pelos segredos da torre dos magos poderia fazer o menino mudar de ideia. Ele se aproximou e sentou-se ao lado de Zin, no campo florido:

— Não adianta tentar me convencer. — Disse o menino, com a expressão inflexível.

— Ora, garoto. Você saiu correndo e nem deu tempo de explicar: o que o cristal falou não é obrigatório. Você pode ser um mago, se quiser. E pelo que sabemos, se seguir esse caminho vai deixar o velho Melchior para trás. — Disse Celestino, com um tom bem humorado.

— Mas pra isso vou ter que passar a vida estudando, é muito chato! Nem pensar, eu prefiro ser artesão, fazer brinquedos, ou então fazer doces que nem minha mãe.

— Entendo. Quando era menino eu queria ter uma criação de gatos invisíveis. O problema é que eu não enxergava nenhum deles!

Zin não se conteve: soltou uma risada ao ouvir o comentário bobo do mago. Nesse momento, Celestino soube que tinha uma chance de abrir a mente do garoto.

— E o que te fez mudar de ideia? — Perguntou Zin.

— Bom, o cristal mágico disse que eu poderia ser um mago. Nunca tinha considerado essa ideia, mas quando meu antigo mestre me levou para conhecer os portais, tudo mudou.

— Portais? — A curiosidade já tomava conta do menino.

— Ah sim, portais mágicos são a coisa mais comum na vida de um mago. É uma pena que você não tenha interesse, pois tenho alguns na minha torre, sabe?

Zin sabia que Celestino estava tentando convencê-lo de que ser um mago era uma boa ideia.

Mas podia ser legal conhecer os portais mágicos, que pareciam ser o lado mais divertido do trabalho dos magos.

Ele acabou concordando e Celestino o conduziu de volta à torre por onde haviam passado. Atravessaram a ponte de madeira e entraram pela porta dos fundos, subiram as escadas e logo estavam de volta à sala principal da torre: um ambiente circular, com paredes de pedras e estantes cheias de livros.

— Só estou vendo um monte de livros... — Resmungou Zin.

— Veja com mais atenção. — Disse Celestino, pegando um dos livros da estante e colocando-o sobre a mesa no centro da sala.

O mago abriu o livro e no interior havia um monte de letras diferentes, como se fossem de um alfabeto antigo ou de uma língua desconhecida. Mas o que aconteceu em seguida mudou para sempre a opinião do menino sobre livros: Celestino fez um movimento de feitiço com as mãos, disse algumas

palavras que Zin não entendeu (mais tarde ele descobriu que era a língua dos elfos), e então, como num passe de mágica (bom, na verdade, era exatamente um passe de mágica), o livro começou a emanar uma luz de suas páginas, até que a imagem de um bosque encantado se formou ali, da maneira mais viva e real possível.

O bosque parecia uma pintura com movimento, com pássaros e animais passando e o vento fazendo as árvores balançarem.

— Uau! — Disse o menino, perplexo.

— Me dê a mão. — Pediu o mago, e quando suas mãos se tocaram, os dois foram transportados rapidamente para dentro do livro.

A sensação daquela passagem foi muito estranha. Zin sentiu que, por um segundo, seu corpo era totalmente feito de luz, e de repente estava no bosque com Celestino, como se tivesse acabado de acordar de um sono profundo, e a realidade do seu mundo conhecido — o reino de Etéria — tivesse sido um sonho.

— Onde estamos? — Perguntou Zin.

— Nós estamos no Bosque de Elinor, um dos mundos mágicos que existem. Na verdade, Zin, quero que você perceba isso: a principal tarefa de um mago é conhecer todos os reinos da magia, para cuidar do equilíbrio entre eles. — Explicou Celestino.

— Equilíbrio?

— Sim. Por exemplo, não queremos que o reino da água domine completamente o reino do fogo, nem que o reino do sol ofusque a beleza da lua. Se essas coisas acontecerem, o universo vira uma bagunça! Nós precisamos que todos os elementos estejam sempre em harmonia, sendo que cada um tem a sua importância.

— E quantos mundos mágicos existem?

— Viu os livros na estante da minha torre? Cada um deles é um portal para um mundo único. E em cada torre de cada mago há tantos livros, logo existem tantos mundos que você nem faz ideia.

Zin ficou admirado com tudo aquilo. O Bosque de Elinor parecia um lugar incrível, com florestas encantadas, criaturas mágicas, que só de olhar dava vontade de viajar e conhecer aquele mundo. Imagina quantos lugares assim um mago não poderia conhecer? Era como brincar fora de casa, no jardim, mas havia infinitas terras maravilhosas para explorar.

— Fala a verdade, garoto? Ser um mago não parece nada mal agora, não é? — Provocou Celestino.

Zin apenas sorriu e o velho mago soube na hora qual era sua resposta. A magia geralmente conquistava aqueles que a conheciam de perto.

— Mas e a parte dos livros? Pra mim é difícil, essa coisa de ler e escrever. — Confessou o menino.

— Se quiser, te ajudamos com isso. Ora, sempre tem alguém para ajudar. E aos poucos você pega o jeito. Não tem pressa. Ninguém vai te pedir para fazer uma prova ou coisa do tipo.

Aquelas palavras deixaram Zin muito mais calmo. Não ter que fazer provas tirava um enorme peso da sua mente.

— Mas chega de conversa fiada, garoto. Vamos ao que interessa. Quero que conheça um amigo. — Disse Celestino, e começou a caminhar por entre as árvores do bosque.

Zin o seguiu até uma clareira onde havia um grande tronco de árvore caído. Em cima do tronco estava deitada uma pequena criatura. Quando eles se aproximaram, a criatura se levantou e o menino pôde observá-la melhor: era um animal peludo, de cor branca, baixinho e gordinho, que se erguia sobre duas patas, tinha uma calda grossa e macia que se enrolava na cintura, e uma face que se parecia muito com a de um gato, com um focinho rosado e um bigodinho engraçado; seus olhos eram pequenos, meio fechados, tinha dois bracinhos bem colados ao corpo e, na mão direita, segurava um pequeno cajado de madeira (algo que parecia um artefato mágico).

— Zin, este é o guardião Kipo. Ele vai ser o seu mestre. Quer dizer, isso se você escolher o caminho da magia.

Kipo deu um salto do tronco e, sem fazer muito esforço, levitou por um momento, flutuando no ar feito pluma até pousar diante do menino.

— Eu vou, é? Vamos ver se eu gosto do que vejo nesse menino. — Disse o guardião, com uma voz que parecia ser muito inteligente e bem humorada.

Kipo se aproximou de Zin e encostou sua testa peluda na do garoto.

— Isso faz cócegas! — Disse o menino, rindo sem controle quando o pelo e o bigodinho de Kipo roçaram em seu rosto.

— Vejo alegria interior. Isso é muito bom. Kipo gosta disso!

— É claro, você me fez dar risada! Como eu não poderia estar alegre? — Acusou Zin.

— É esperto também. Mas tem cara de ser teimoso. Nem tudo é perfeito. Vai servir, sim. Kipo aceita ser o mestre de Zin.

— Meu mestre? Espere um pouco, achei que se eu fosse um mago, eu seria o mestre e você meu assistente... — Disse o menino, fazendo Celestino dar uma boa risada dessa vez.

— Garoto! Não diga isso que o Kipo vai ficar bravo, hein. — Disse o mago.

— Olhe aqui menino, saiba que você tem um longo caminho pela frente para ser um mago. Acha que merece uma túnica só porque o cristal disse que você tem talento? Vai precisar de um mestre por enquanto. Kipo aceita ser seu mestre. Mas não me faça mudar de ideia!

Zin adorou Kipo. Ele sentiu que os dois poderiam ser bons amigos. Era como ter um animal de estimação (um que falava e era muito sábio).

— Kipo, você voa?

— Kipo não voa, não pelo céu como peixe alado, mas pode planar por bastante tempo.

— Você é um gato, Kipo? É um guaxinim?

— Kipo não é gato, nem guaxinim, nem lontra.

Kipo é Kipo!

— Você é engraçado, Kipo! Mas parece um gato gordinho pra mim. Duvido que consiga me pegar! — Disse Zin, em tom provocativo, e já saiu correndo pelo bosque.

— Ora, mas que menino sem vergonha! Imagina, senhor Celestino? Dizer uma coisa dessas! Volte aqui, garoto, Kipo vai te ensinar sua primeira lição!

E assim, Kipo saiu correndo atrás de Zin, planando pelo bosque e tentando alcançá-lo, pegando impulso nos troncos das árvores com suas patas, querendo mostrar ao seu mais novo aprendiz quem é que mandava por ali.

Celestino apenas sorriu ao ver aquela farra dos dois. Ele soube que Zin havia sido conquistado para o mundo da magia. Ninguém resistia ao charme do guardião Kipo. Afinal, provocá-lo era muito divertido!

Quando voltou da expedição ao Bosque de Elinor, agora com Kipo ao seu lado, Zin finalmente contou à sua mãe que havia se decidido: ele queria tentar ser um mago. Contou a ela sobre as maravilhas dos portais mágicos e apresentou seu guardião e mais novo amigo. Zara soube que o filho ficaria bem, em ótima companhia:

— O senhor é uma graça, senhor Kipo. E vejo que é muito sábio. Sei que meu filho estará em boas mãos ao seu lado, nesse caminho que ele escolheu.

Kipo ficou lisonjeado com as palavras de Zara e até deixou que ela fizesse um carinho em seu pescoço. Era muito raro ele deixar alguém tocá-lo com tanta intimidade.

— Mas esse gato é bom de bico mesmo, hein?
— Disse o rei, provocando o guardião que era um velho conhecido.

— Kipo não é gato nem tem bico! Vou dar-lhe uma paulada nesta coroa velha, rei abusado! — Esbravejou o guardião. Kipo sabia impor respeito e não deixava nem mesmo o rei falar com ele daquela

maneira. Mas todos riram do ocorrido, pois era divertido ver como aquele gato (ou melhor, guardião mágico) saía do sério com as provocações.

— O rei me explicou tudo, filho. Você vai morar aqui no castelo por um tempo, para aprender tudo o que precisa. Vou sentir sua falta, mas pode me visitar em casa ou na confeitaria, sempre que sentir saudades. — Disse Zara.

O menino deu um forte abraço em sua mãe, em despedida. O mago Celestino a conduziu de volta ao reino lá em baixo, pela plataforma mágica da torre. Uma nova etapa da vida estava começando.